

DÓLAR NA VIDA REAL

O que muda com a cotação a R\$ 2

A valorização do dólar pode dar fôlego à indústria exportadora brasileira e até criar (ou ao menos manter) empregos. Mas também mexe no orçamento das famílias em itens triviais como óleo de soja. Entenda por que há tanto debate em torno do câmbio esta semana.

FELIPE PEREIRA

O dólar bateu nos R\$ 2 nesta semana pela primeira vez desde 2009 e não deve ceder no curto prazo. Notícias ruins para quem tem viagem marcada ao exterior, mas agradável aos ouvidos de exportadores e do Planalto. O ministro da Fazenda, Guido Mantega, falou que ele e "a torcida do Flamengo" estão satisfeitos com o novo patamar da moeda americana.

A alta do dólar mexe no preço dos produtos importados, mas respinga também em itens menos óbvios, como óleo de soja e açúcar, cuja cotação é definida no mercado internacional, e pode gerar inflação.

No momento, a principal razão da desvalorização do real é a mesma que ameaça rachar a zona do euro – a Grécia. Os investidores globais estão correndo para a moeda americana, considerada livre de risco. E o real foi um pouco mais afetado do que outras moedas. José Márcio Camargo, professor de Economia da PUC-RJ, explica que, ao forçar a redução nos juros, o governo federal interferiu na política econômica e gerou incertezas, o que fez dinheiro estrangeiro deixar o país.

Os exportadores, que representam fatia de 20% na produção industrial nacional, não reclamam. Dólar mais alto significa mais competitividade.



Exemplo: um produto que custa R\$ 10 sairia por US\$ 6,48 com a moeda americana na menor cotação de 2011 (R\$ 1,543). Ontem, o mesmo produto seria vendido por US\$ 4,99.

Mas nem tudo são flores. Os exportadores fazem planejamento financeiro, e quando há alteração abrupta tudo cai por terra. O vice-presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil, Fábio Farias, observa que os contratos são fecha-

dos para entregas a serem feitas em dois ou três meses. Para se proteger, as empresas usam um instrumento financeiro chamado de *hedge*, em que se prevê o preço futuro do dólar. Dependendo da oscilação, os exportadores podem perder dinheiro.

O importante é encontrar um ponto de equilíbrio, afirma Alcides Leite, professor de Economia da Trevisan Escola de Negócios. Ele lembra que petróleo e outras matérias-primas (as commodities) são cotados em dólar. A alta delas criará uma pressão inflacionária. A exportação também pode ter o mesmo efeito, ressalta Celso Grisi, professor de Economia da USP. Isto porque a quantidade de produtos no mercado interno diminui e o volume de dinheiro aumenta – ou seja, o consumo sobe e a oferta cai.

O problema da inflação é que ela obrigaria o governo a interromper a queda na taxa básica de juros para segurar o consumo. Grisi lembra ainda que parte considerável dos itens que entram no cálculo do IGP-M está atrelada ao dólar. Este indicador de inflação serve de referência para reajustes de aluguel e energia, que pressionam preços.

Se o dólar se mantiver na casa dos R\$ 2, Grisi estima acréscimo de até um ponto percentual na inflação.

felipe.pereira@diario.com.br

QUAL É A TENDÊNCIA DO CÂMBIO?



MAILSON DA NÓBREGA
Ex-ministro da Fazenda e sócio da Tendências Consultoria

Deve ficar em torno de R\$ 2, e se a Europa se estabilizar, pode voltar para R\$ 1,90.

MARCÍLIO MARQUES MOREIRA
Ex-ministro da Fazenda

É plausível que oscile entre R\$ 1,75 e R\$ 2,05.

CELSO GRISI
Professor de Economia da USP
Houve intervenção do governo ao mudar juros. Não estranhe se for a R\$ 2,20.

ALCIDES LEITE
Professor de Economia da Trevisan Escola de Negócios
Vai se manter entre R\$ 1,90 e R\$ 2.

COMO A VALORIZAÇÃO DA MOEDA AMERICANA CHEGA AO SEU BOLSO

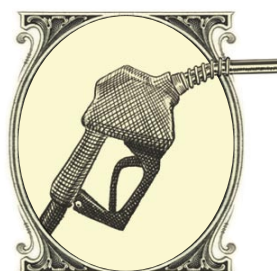


PACOTES DE VIAGEM

Os brasileiros estão viajando tanto que os EUA acenam com o fim da exigência do visto. Mas com a alta do dólar vai ficar mais difícil conseguir um carimbo no passaporte. Isso sem falar que as compras feitas no cartão de crédito podem dar um susto, já que a cotação do dólar considerada na fatura é a do dia do fechamento do boleto. O primeiro movimento observado é trocar os destinos na Europa, mais caros, por viagens às cidades americanas ou da América do Sul, diz Jane Helena Bertola Balbinotti, diretora da Açoriana Turismo. A reação dos clientes tem sido esperar o cenário assentar para definir o tamanho do pacote. As pessoas podem até reduzir o número de dias e optar por hotéis de menor categoria, mas têm mantido a viagem. O consultor Paulo Méléga lembra que o Brasil, agora, ficará mais atrativo para os turistas estrangeiros.



Na Açoriana, clientes estão trocando a Europa pela América



GASOLINA

Derivada do petróleo, que, como a soja e o açúcar, é uma commodity e tem seu preço determinado no mercado internacional. Além disso, o Brasil não é autossuficiente em gasolina e precisa importar o produto, pagando em dólar para vender em reais nos postos. Se a moeda americana continuar a subir, dificilmente o governo vai conseguir segurar o preço. A Petrobras não tem repassado a alta dos custos para os consumidores e os preços na bomba estão defasados em 20% em relação ao mercado internacional.



CARROS IMPORTADOS

Os carros importados, além de terem 30 pontos percentuais a mais de IPI e a alíquota de importação em 35%, agora têm o agravante da cotação do dólar. As empresas filiadas à Associação Brasileira das Empresas Importadoras de Veículos Automotores (Abeiva) encerraram o mês de abril com queda de 12,8% das vendas, na comparação com março. Só de encargos, o carro importado tem 180% do seu preço real, diz o presidente da Abeiva, Flávio Padovan, que admite que a alta do dólar influencia fortemente.



AÇÚCAR

O açúcar é uma commodity cujo preço é determinado pela demanda internacional. Com a valorização do dólar, a tendência é o preço aumentar na prateleira do supermercado, mesmo o Brasil sendo um dos maiores produtores e exportadores do produto. Isso até atrapalha, porque com o preço melhor no mercado internacional, os produtores brasileiros de açúcar optam por exportar o produto para receber mais por ele. Com menos oferta no mercado nacional, a tendência é o preço aumentar para os consumidores brasileiros.



INFLAÇÃO

O consumo das famílias brasileiras cresceu 10% no ano passado, muito acima da expansão de 2,7% do PIB (soma das riquezas). Na prática, isso significa que a produção industrial não acompanhou o apetite dos consumidores. Se o país fosse fechado ao comércio exterior seria impossível conter a inflação, afinal, a demanda acima da oferta joga preços para cima. Isto só não ocorre porque os importados preenchem esta lacuna. Mas com a alta do dólar, o volume de produtos estrangeiros será reduzido.



ÓLEO DE SOJA

Mesmo sendo o maior produtor de soja no mundo, o preço foge ao controle do Brasil. Ele é fixado no exterior por se tratar de uma commodity, a exemplo de petróleo e açúcar. Logo, todos os derivados, e não só para o óleo de cozinha, como para todas as gorduras usadas na cadeia alimentícia, serão afetados. A alta deve ser abrangente porque os derivados da soja representam 90% da gordura usada no Brasil. Também deve ocorrer uma elevação do preço de vários outros produtos que usam gordura em sua composição.



PÃES E MASSAS

O Brasil não produz trigo suficiente para abastecer as indústrias e 60% do produto usado nas indústrias de alimentos vem da Argentina, Estados Unidos e Canadá. Como o preço é definido no mercado internacional e fixado em dólar, o aumento na cotação da moeda americana tem reflexo direto nos preços. E o impacto é grande porque 70% do custo de produção da farinha é a matéria-prima. O repasse pode demorar um mês para chegar ao bolso dos consumidores, tempo que dura os estoques.

